

## A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA.

Kedrini Domingos dos Santos, Guacira Marcondes Machado Leite. — Letras — Departamento de Letras Modernas — Faculdade de Ciências e Letras — Campus de Araraquara.

A literatura é influenciada pelo contexto social, político e intelectual em que está inserida. Busca-se ver, qual a influência que este exerce sobre a obra literária, em especial no que se refere à representação do negro na literatura brasileira, além de se pretender observar de que forma a linguagem literária atua como difusora de um mito (ou ideologia), como por exemplo, o “mito da democracia racial” apregoada por Gilberto Freyre.

Vê-se, de acordo com a história, que houve no Brasil maior miscigenação entre ‘colonizador’ e ‘colonizado’ que em países como os EUA, por exemplo. Essa mistura traz algumas particularidades que de modo algum nos dão a impressão que ocorreu de forma pacífica como demonstra Freyre em sua obra, *Casa grande e senzala*. Pode ser que não houve a segregação das etnias como ocorreu nos EUA, mas ainda assim essa proximidade entre negros e brancos que teve como consequência a origem de um grupo chamado ‘mulato’ trouxe consequências como, por exemplo, o não reconhecimento ou a não identificação não só do negro, mas também do colonizado em si, com o país, não havendo, portanto reivindicações nem cobranças da parte deste para com quem governa.

Também é diferente a forma como se determina quem é negro tanto nos EUA quanto no Brasil. Enquanto lá é considerado negro quem é descendente de negros, no Brasil o termo ‘negro’ se aplica a quem tem aparentemente a pele mais escura, não havendo, portanto uma definição específica. Em nossa sociedade, aqueles que não são brancos procuram se identificar com a classe dominante e, portanto, não se reconhecem como negros. O negro na obra de Lobato tem fenótipo diferente do de hoje (está ele esbranquiçado) exceto pelo cabelo que denuncia sua negritude.

Na obra, *O presidente negro*, de Monteiro Lobato, a raça branca, vale-se justamente da vontade que tem o negro de ser como o branco e a partir disso é criado um remédio que além de tornar liso o cabelo dos negros, também os esteriliza. A forma de pensar do branco é sutil, sua ideologia assim como o remédio aparentemente não tem segundas intenções. Mas como declaram na obra: “o problema da América foi resolvido da melhor forma para a raça superior” (LOBATO, 1926, 265), que seria no caso a branca.

Ser mestiço no Brasil é condição de passagem para uma raça superior. Tem-se na obra uma crítica à idéia de que “Dentro de 100 ou 200 anos terá desaparecido por completo o nosso negro em virtude dos cruzamentos sucessivos com o branco” (Ibidem, p.114) Tal idéia vai ao encontro do que se pensava na época sobre a miscigenação e o fim da raça negra.

Gilberto Freyre, em *Casa-grande e Senzala*, dá mostras de que o negro, índio e o branco influenciaram na cultura brasileira o que torna maior a mestiçagem. Há duas formas de mestiçagem: campo biológico e cultural. Elas geraram o mito da “democracia racial”, pois exaltaram a convivência e encobriram os conflitos raciais.

O âmbito intelectual espelha a história de um país. O mito da democracia racial dá ao mundo a idéia de um país que conseguiu realizar a convivência das etnias, o que não ocorre na realidade. Alguns escritores basearam seus estudos nas idéias de Freyre como Raymond Sayers em seu livro *O negro na literatura brasileira* e Gregory Rabassa em *O negro na ficção brasileira*. Percebe-se que estes possuem uma visão ofuscada e romântica da realidade do país. Não foram apenas estes. Outros que se propuseram a estudar sobre o negro também assim escreviam, menos por ignorância e mais porque era assim que se pensava na época, e não podiam escrever de outro modo.

Rabassa, no prefácio de seu livro, nos mostra qual a base de seu estudo sobre a questão do negro na ficção brasileira. Em sua tese ele cita autores como Nina Rodrigues, Artur Ramos, Gilberto Freyre e Edson Carneiro. A idéia que se tem ao ler tal prefácio é a de que não existia preconceito racial no Brasil. Ele escreve: “O Brasil Contemporâneo, situa-se entre as nações do mundo como modelo de relações raciais livres de preconceito”. Não se deve, pois, tirar o mérito de tais teóricos, pois foram eles os precursores dos estudos feitos com relação ao negro e sua cultura.

Percebe-se na obra, *O presidente negro ou o choque entre as raças*, de Lobato que a democracia racial existe apenas quando convém aos interesses da classe dominante. Em um momento em que se viram afastados do poder, e que perceberam que o negro conseguiu atingir o símbolo máximo do poder que é a presidência da república, imediatamente o que estava camuflado (a tolerância diante do negro) tornou-se guerra declarada. Franz Fanon, diz em seu livro, *Os condenados da terra*, que o decantado princípio que quer que todos os homens sejam iguais achará sua ilustração nas colônias assim que o colonizado se apresentar como o igual do colono. Na obra de Monteiro Lobato vê-se claramente, e isso é explicitado pelo narrador que Kerlog (o líder branco) representa o branco de “crueldade fria que torturou e espezinhou os negros” e que este via em Jim (o líder negro) um inimigo a esmagar. Kerlog até julga nobre o ideal de Jim, mas deixa claro que acima da “justiça humana” (leis políticas, constituição) está a “justiça do sangue” e que os antigos não tiveram a idéia de “suprimir o mal pela supressão da má semente”. Nessa frase está resumida a idéia da raça branca que é exterminar e eliminar a negra.

Há, pois, a desvalorização do negro, e a tentativa de depreciá-lo, como na passagem em que a personagem miss Elvin diz que um negro conseguiu assimilar a língua da velha diplomacia, como se este não fizesse (ou pudesse fazer) parte da sociedade, ao menos da parte culta e detentora de conhecimento. Conforme escreveu Franz Fanon, Os colonos agem como se no mundo do colonizado não houvesse valores. Este maniqueísmo acaba por desumanizar o colonizado.

De acordo com Albert Memmi, em seu livro, *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, o colonizador estabelece que o colonizado é preguiçoso e que a preguiça constitui a essência do colonizado. Afirma ainda que o colonizado é débil e sugere que tal deficiência reclama proteção. Passa a ser do interesse do colonizado ser excluído das funções de direção. Essas funções são então reservadas ao colonizador. E acrescenta ainda que o colonizado é: retardado perverso, de maus instintos, ladrão e um pouco sádico, assim como a ausência de necessidades do colonizado, sua inaptidão para o conforto, para a técnica, para o progresso, sua familiaridade com a miséria.

Em algum momento, conforme afirma Memmi, recusando tal existência, o colonizado buscará duas possíveis saídas: Ou torna-se o outro (aquele em quem se espelha) ou reconquista a sua forma que foi amputada pela colonização. Na primeira opção há uma recusa de si e uma super valorização do colonizador, há então a tentativa de assimilação por parte deste. Para isso, no entanto, não é necessário apenas sair do grupo ao qual pertence. É preciso penetrar em outro, e isso implica aceitação por parte do colonizador. O que não ocorre. Ao contrário o que há é zombaria e desprezo. Na fala de uma das personagens “o processo científico de embranquecê-los aproximava-os dos brancos na cor, embora não lhes alterasse o sangue nem o horrível encarapinhamento dos cabelos” (LOBATO, 1926, p.156). A assimilação é, pois, impossível. Na obra os brancos se divertem com o espetáculo que transformou cem milhões de criaturas. Resta-lhes então se revoltarem. Deve haver então a reconquista de si mesmo e de uma dignidade. Há então a reivindicação nos próprios termos do colonizado.

Na obra de Lobato a personagem de Jim é uma figura forte, que intimida pela presença. Ele representa a síntese da história do negro, que como diz o narrador: “através dos séculos não se atrevera a ter sonho maior que a da mesquinha liberdade (física) e passou a sonhar o grande sonho branco da dominação” (Ibidem, p.195). Jim não se intimidava e como define Fanon o colonizado (no caso o negro)

passa a encarar o outro com a cabeça erguida sem se imobilizar com o “olhar que fulmina” e com a “voz que petrifica”, não mais se perturba em presença do outro, ocorre na verdade o contrário.

Sempre houve durante toda a história da humanidade reação contra o de fora, o diferente. O ser humano traz intrínseco a si o preconceito para com o outro, com o diferente, seja com relação à raça, cor ou gênero. Assim foi com os gregos e os por eles tidos como sendo bárbaros, do europeu para com o índio da América e também com relação ao negro. Com o preconceito vem também uma relação de rivalidade.

Os negros ainda se ressentem da escravidão, que suportaram eles e seus antepassados, sofrendo todos os tipos de degradação e humilhação. A rivalidade existe, é fato. Não se pode pensar que simplesmente porque houve a abolição da escravidão (mais por fatores políticos que humanitários) tudo o que foi vivido e sentido será apagado. Encontra-se na obra de Edison Carneiro, *Antologia do negro brasileiro*, uma carta de Ruy Barbosa em dezembro de 1890, então ministro da Fazenda, que mandou queimar os arquivos da escravidão (papéis, livros e documentos relativos à mesma) pensando que com isso estaria prestando um grande bem para a grande massa de novos cidadãos. Os vestígios oficiais foram queimados, mas no inconsciente da população brasileira ainda estava definida a relação que existia e que seria conservada até os dias atuais. As imagens que se tinha no período de escravidão com relação ao negro foram, pois, conservadas. Além do mais, tal gesto fez com que se perdesse a noção dos fatos, dos números de negros que, por exemplo, entraram no país, restando apenas suposições. Há na obra referência a isso: “as algemas caíram dos pulsos, mas o estigma ficou. Às algemas de ferro se substituíram as algemas morais do paria”. Há também uma metonímia em: “o sorriso do grilheta que nasceu de algemas ao pulso e de súbito as vê se esvaírem...” (LOBATO, 1926, 177) como se o comum, o habitual ainda fosse o negro ser escravo.

O negro não está fora da sociedade brasileira, ele faz parte dela, ajudou a construir o país à custa de muito suor e lágrimas, no entanto, não se admite a igualdade por efeito de hábitos arraigados. As pessoas se habituariam com certas coisas. Embora a lei nivele a todos, o hábito torna nulo seu efeito.

Quando o negro aparece na ficção vem ele tipificado como: negro nobre, escravo sofrendor, escravo fiel ou ainda heróico, melancólico. Há também a bela mulata tida como objeto sexual etc. O negro ainda no inconsciente brasileiro é tido como marginal, sujo. Certas imagens que ainda aprisionam nosso imaginário como: a doméstica, a lavadeira, a mãe-de-santo, etc. Há, no consciente, valores que projetam idéias como, por exemplo, o desejo por homens negros. Tal comportamento no Brasil não permitiu a violência e a hostilidade abertas que houve nos EUA e na África do Sul. Percebe-se aí quanto é importante a cultura no comportamento de um povo.

As mulheres negras na literatura foram masculinizadas. Tinham que ser habilidosas, trabalhar. Já os homens negros foram destituídos de suas masculinidades, visto que, a figura de macho provedor ocupa o espaço político (chefe, donos e patrões) e este espaço era ocupado pela elite branca.

As mulheres negras trabalhavam muito, quando se diz que mulher não trabalha ou trabalhava pouco se fala do ponto de vista do branco. A negra já trabalhava, cuidava de casa, dos filhos. Na literatura, a representação da mulher negra, geralmente, não é relevante. Ela é colocada em um lugar como: mãe preta que cuida da prole, não sua, mas dos senhores. Esta é tida como objeto de desejo diferente do perfil de mãe dado a personagens brancas. Tiram-lhe o que caracteriza a mulher: a maternidade. É negado a elas, na literatura, a família. Elas não possuem filhos, e às vezes são estéreis. A mulher ou mãe negra é geralmente dura, forte. Assim como o fora sua vida.

Analisando discursivamente e considerando que, ao se afirmar algo, se deixa de dizer outra coisa, precisamos ver se quando as personagens negras ficam impossibilitadas de gerar não é uma forma de

inviabilizar a presença negra na sociedade, através da literatura. É uma consciência norteadada pelo branqueamento e o desejo pela eliminação do negro (ou apagamento).

No começo da narrativa de Lobato, fala-se sobre os males que traz à vida a desonestidade, e há um questionamento de como seriam as coisas se houvesse um sábio eugenismo que eliminasse por completo a desonestidade.

O ideal determinista em que ‘todo efeito tem causa’, perpassa a obra de Lobato. Tal termo inclusive é usado na narrativa e seu sentido maior culmina na esterilização da população negra. Tal efeito traz como causa a relação conflituoso que existe entre negros e brancos, que percebemos ao longo da história, e que ocasiona o choque entre as raças. Tal pensamento é confirmado com uma frase no texto “tudo o que é tem razão de ser, tinha forçosamente de ser e tudo o que será terá razão de ser e terá forçosamente de ser” (LOBATO, 1926, 71), e é o que realmente acontece, o negro é esterilizado e desse modo fica resolvido o problema da raça branca.

Vimos, portanto, que a obra de Lobato traz imbuído em seu conteúdo um pensamento existente no contexto do autor e que há a difusão de ideologias como, por exemplo, a busca da raça pura e a eliminação do negro. Há então a esterilização do negro para que deste modo este fique impossibilitado de gerar e dar continuidade à sua raça que é tida pelo branco, na obra de Lobato, como um inimigo a ser eliminado.

## **Referências Bibliográficas**

CARNEIRO, Edison. **Antologia do Negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Globo, 1950.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Jose Laurenio de Melo. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Global, 2003.

LOBATO, Monteiro. **O choque entre as raças ou o Presidente negro**. 1926

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989.

RABASSA, Gregory. **O negro na literatura brasileira**. Trad. Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1965.

SAYERS, Raymond. **O negro na ficção brasileira**. Trad. Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1958.